

2 SET 1983

Caminho Aberto

“Façamos política porque, fora dela, a nação não encontrará os caminhos da sua grandeza” — proclamou o Senador José Sarney, na resposta do PDS ao discurso do presidente do PMDB. E num segundo passo: “A democracia é um regime de conflitos e cabe a nós, homens públicos de todos os partidos, harmonizá-los”.

Antes de chegar a esse plano, de onde se descortina uma nova paisagem política no país, o presidente do PDS seguiu um caminho áspero mas caloroso, entre queixas e franquezas políticas, sob o signo da confiança. Seu discurso se apresentou como o saldo de todo um longo período político, contraposto à visão que se exprimiu na *retórica amarga* do presidente do PMDB, na condição de seu interlocutor nesse recém-inaugurado diálogo político nacional.

O Senador Sarney produziu, com força de testemunho, um relato comparativo entre o Brasil anterior a 64 e os números de sua dimensão atual, não como apologia do Governo e do regime, mas para exprimir a necessidade de um entendimento político responsável, capaz de garantir soluções para as atuais dificuldades nacionais. Aceitou a “oferta e entendimento” — que recolheu do discurso do Deputado Ulisses Guimarães — e fez a parte que lhe cabia como presidente do partido do Governo.

A grave crise que desafia o Brasil é “mais grave — no entender do Senador Sarney — na medida que passa a ser uma crise de confiança”. Não adianta identificar culpas e cumplicidades quando já “é a hora de saber negociar”. E a primeira característica do negociador é perceber que chegou o momento de abrir os entendimentos. O PMDB fez o primeiro lance sem abdicar da carga de crítica de que se fez transportador ao longo de anos.

E o PDS fez sua contrapartida ao saber distinguir, no discurso oposicionista, o que é propensão ao entendimento, do que é necessidade de reafirmação de conduta política, que é sua própria identidade.

A disposição franca para um diálogo público, sem qualquer objetivo oculto, sem outra transação que não seja o interesse nacional — para distanciar o país da borda da crise — sobressai na presente situação brasileira. Era o que faltava, dos dois lados em que se dividia politicamente a nação, para os homens responsáveis lançarem a ponte da unidade e da democracia.

Proclamou o Senador Sarney: “O PDS está integralmente disposto a dar esse passo” e, na linha do desarmamento de prevenções, acrescentou: “Não pretendemos ser os donos da verdade”. Ao longo do extenso discurso do presidente do PDS podem ser colhidas quantas afirmações forem necessárias, mas o principal é a posição de transigência que se assinala entre dois interlocutores que há muitos anos não se dirigem, sem aspereza, um ao outro.

Há todo um confronto de divergências a ajustar, há muito a negociar entre as partes. A transigência tem que ser exercitada. Era indispensável, porém, o primeiro passo, com a clareza que explicita uma lealdade instintiva de parte a parte.

Os pontos de convergência democrática, perceptíveis na pluralidade de correntes políticas atuantes no Brasil, começam a se desenhar com nitidez no debate. E desde logo, numa avaliação prévia, o seu peso específico suplanta as divergências. O entendimento começa livre de prevenções. “Para dialogar é preciso confiar”, diz o Senador Sarney. A confiança no entendimento está lançada: “entendimento alto, respeitoso, democrático, partidário”.

Está aberto o caminho.